



A Representação da Brasilidade na transmissão das cerimônias de abertura e de encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016

Caroline Garske Rosa¹
Sabrina Franzoni²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Resumo: Este artigo analisa as cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016, sediados no Rio de Janeiro, Brasil. O objetivo principal foi à análise das letras das músicas apresentadas durante o megaevento e percebê-las enquanto uma manifestação cultural. Trazemos neste estudo as noções de identidade, hibridismo, Indústria Cultural e brasilidade a partir de teóricos como Stuart Hall (1992), Theodor Adorno (1947), Max Horkheimer (1947), Peter Burke (2010), Néstor Canclini (1998), Martín Barbero (2000) e Marildo José Nercolini (2006). A partir da Análise de Conteúdo das cerimônias de abertura e encerramento, foi identificado que tanto as letras quanto as imagens televisionadas tinham como objetivo acionar uma representação de “brasilidade”.

Palavras-chave: Olimpíadas 2016; Televisão; Identidade; Brasilidade; Música.

1. Introdução

Este estudo³ tomou como objeto de pesquisa as músicas apresentadas nas transmissões televisivas das cerimônias de abertura e de encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016, sediados no Rio de Janeiro. As coberturas, utilizadas neste artigo, foram realizadas pela Rede Globo de Televisão e estão disponíveis no *site* da Globo Play. Esse tema foi motivado pela vontade de investigar a cultura nacional a partir da

¹ Jornalista graduada desde janeiro de 2017. E-mail: carolinegarskerosa@gmail.com.

² Docente do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), orientadora e co-autora deste artigo. E-mail: franzoni@unisinos.br.

³ Este artigo tomou como base meu trabalho de conclusão de Curso (TCC).

televisão. Dessa maneira, escolhemos o megaevento esportivo dos Jogos Olímpicos, que ocorreu no Brasil de 05 a 21 de agosto, para analisar a construção de sentidos que as músicas tiveram durante as cerimônias de abertura e de encerramento.

Partimos do pressuposto de que as músicas das cerimônias são consideradas como complemento da informação ou, ainda, como a própria informação. De acordo com Heloísa Valente, “toda música está referenciada à história, aos dados sociopolíticos-estéticos, entre outros; sendo assim, ressaltamos: a música é informação” (VALENTE, 2005, p.91). Assim, buscamos identificar que estratégias discursivas foram utilizadas para representar a cultura brasileira através das letras das músicas e das imagens apresentadas.

Complementarmente, realizamos uma revisão teórica sobre megaeventos e sobre televisão como bem cultural e aprofundamos a observação das músicas sobrepostas com as imagens na complementação e/ou reforço da informação. Além disso, tomamos como referência autores como Peter Burke e Néstor Canclini, que explicam Hibridismo, e Sérgio Buarque de Holanda, que se insere na explicação de Felicidade, trazendo o conceito de “homem cordial”. Finalmente, é importante citar, também, que as Olimpíadas se enquadram como megaeventos esportivos, e por isso, ganham a atenção de vários países ao redor do mundo. Isto significa que, aquilo que foi apresentado como bem cultural pode ser reconhecido, também, como uma representação da identidade nacional.

2. A televisão no Brasil e o Brasil na televisão

A televisão, desde sua popularização no Brasil, tem sido um dos instrumentos utilizados para massificar o consumo de produtos culturais (BARBOSA, 2013). O veículo de comunicação, além de ser um dos mais populares meios massivos, se utiliza dos produtos culturais, como a telenovela, como uma maneira de representar a brasilidade do país e de sua população. Não é por acaso que escolhemos as cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos: elas foram pensadas para serem televisionadas, uma construção imagética para o telespectador. Neste estudo, falamos mais de brasilidade que de identidade nacional, visto que, embora sejam conceitos próximos,

brasilidade, segundo Nercolini (2006) é o reconhecimento interno e externo da marca de ser brasileiro, enquanto identidade nacional, para Stuart Hall (1999), é representada de acordo com o conhecimento de um indivíduo sobre sua nacionalidade.

A Rede Globo de Televisão, que atualmente é a maior emissora de telecomunicação do Brasil, foi inaugurada em 1965 e foi uma das pioneiras no direcionamento popularizado do veículo no país. Com uma programação direcionada aos programas de auditório e às telenovelas, no final dos anos sessenta a Globo já possuía larga audiência. “A consolidação da TV Globo como rede nacional começou em 1969, quando passou a transmitir para diversas cidades através de micro-ondas.” (MATTOS, 2002, p. 96). Ainda Segundo Mattos (2002), em 1971 a Globo deu outro passo pioneiro que lhe garantiu o sucesso como a maior emissora de televisão no Brasil: foi criado um departamento de pesquisa e análise, através do qual planejou a publicidade e adaptou programas para diferentes gostos, adequando cada um deles aos resultados das pesquisas socioculturais.

Para Montañó (2007) a popularização da televisão no Brasil tem a ver com a programação das emissoras mais conhecidas do país. Baseados na realidade do povo e voltados à mulher dona de casa e ao homem da classe média que almeja a ascensão econômica através dos jogos de auditório, é que os programas passam a ser produzidos.

O telespectador, inserido em uma determinada cultura, tem seu próprio repertório de imagens e molduras. Ele se encontra com as imagens televisivas e os territórios de significação oferecidos pela TV e os reconhece. Os elementos de mundos engendrados pela televisão são compreendidos pelo telespectador porque haveria algum compartilhamento mínimo entre esses elementos e os de outros mundos (da escola, da igreja, da comunidade, etc.) em que se imagina a sociedade. (MONTAÑO, 2007, p. 62)

Outro ponto importante que merece ser destacado na relação com a televisão é a musicalidade. Presente desde a chegada da TV ao Brasil, a música cumpre um papel sociocultural importante na programação até os dias de hoje. Mas foi na década de 60 que estas manifestações musicais pela televisão começaram a ter força, quando os Festivais da Música Popular Brasileira, que aconteceram nas décadas de 60, 70 e 80, começaram a ser transmitidos em rede nacional. Com grande audiência, os programas televi-

sivos revelaram talentos do cenário musical brasileiro e colocaram em maior destaque aqueles que já eram conhecidos, como Chico Buarque, por exemplo. O papel social da música na televisão começa a se desenvolver a partir deste período, quando, descontentes com a situação política da época e em forma de protesto à ditadura que se instalara, alguns músicos se manifestam através das chamadas “canções de protesto”. Foi nessa época, também, que surgiu o movimento musical do Tropicalismo, iniciado por Caetano Veloso e Gilberto Gil. O movimento tinha como objetivo universalizar a MPB, inserindo nela elementos do rock, como a guitarra elétrica. Mesmo que hoje a música esteja inserida de forma diferente na televisão, ainda é ela que dá vida à programação televisiva, seja em forma de trilha sonora ou em forma de apresentação ao vivo. Ela está tão presente, que é quase impossível imaginar uma televisão sem a inclusão de música, podendo ser vista como complemento da informação ou, ainda, como a própria informação.

3. Da Indústria Cultural à construção de Brasilidade

A partir da Escola de Frankfurt, em meados da metade do século XX, surge o conceito de Indústria Cultural. Essa expressão foi criada pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer para designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial. Antes disso, no século XIX, durante a segunda Revolução Industrial, surge o conceito de “massas”. Segundo Isabel Ferin (2002), as massas seriam constituídas por pessoas anônimas provenientes de diversos grupos sociais e culturais locais, possuiriam uma organização frágil e agiriam em função de um objetivo específico e transitório. Nesse contexto, Ferin critica a posição de Adorno e Horkheimer. Segundo a autora:

A Escola de Frankfurt teve o grande mérito de se constituir como uma teoria crítica sobre os rumos da cultura e da sociedade, mas ignorou, quer a originalidade das culturas populares, quer a potencial identidade das culturas de massas. (FERIN, 2002, p. 108)

Num apanhado histórico de como e quando a noção de Indústria Cultural começou a ser estudada no Brasil, fala-se que é a partir da instauração do regime militar no

país, em 1964, com a força do capitalismo vindo dos Estados Unidos. E é com o *III Festival da Música Popular Brasileira* da TV Record que essas novas tendências começam a ser incluídas nas apresentações de artistas como Caetano Veloso, que sob vaias do público apresentou a música *Alegria, Alegria*, pois estava acompanhado da banda *Beat Boys*, que subia ao palco com guitarras elétricas.

A ideia de Indústria Cultural, ainda muito estudada, vem sofrendo diversas atualizações. Hoje, a cultura não pode mais ser vista de maneira estereotipada. Com a ascensão do capitalismo é difícil dizer que existe alguma forma de arte que não faça parte dessa indústria, pois quase todo produto cultural acaba gerando lucro. Para o professor de teoria literária Fábio Akcelrud Durão (2013) a Indústria Cultural é algo tão difundido hoje que é difícil pensar em algo que não seria convertido em um produto cultural.

Seguindo nessa mesma linha e se contrapondo ao conceito de Adorno e Horkheimer, Barbero (2000) coloca o que entende por cultura:

Cultura não é apenas o que a sociologia entende por cultura, que são aquelas atividades, aquelas práticas, aqueles produtos que pertencem às belas artes e às belas letras, à literatura. Há uma concepção antropológica de cultura que está ligada às suas crenças, aos valores que orientam sua vida, à maneira como é expressa sua memória, os relatos de sua vida, suas narrações e também a música, atividades como bordar, pintar, ou seja, alargamos o conceito de cultura. Pensar naquela noção que servia para chamar o povo de inculto, como se não ter a mesma cultura da elite fosse não ter cultura. (BARBERO, 2000, p. 157)

Com a inevitável massificação da cultura no território brasileiro, a música, como um produto cultural, também irá sofrer alterações enquanto consumo e enquanto componente da identidade nacional. Acionamos o teórico Hall (1992), para pensar as identidades na contemporaneidade, focando nos conceitos de identidade cultural, ou seja, o sentimento de se identificar com costumes de um determinado grupo, identidade nacional, o sentimento de identificação com uma nação e sua cultura. Por fim, acrescentamos a noção de brasilidade, que de acordo com Nercolini (2006), é nosso reconhecimento interno ou externo de ser brasileiro.

Considerando que a televisão é um dos meios de comunicação de massa de maior alcance, essa pesquisa busca entender de que maneira o veículo pode contribuir na

formação da identidade de um indivíduo. Para Barbero (2000), toda recepção dos sinais dos diversos meios de comunicação é individual dentro de um contexto coletivo, quer dizer, captamos uma mensagem, mas a entendemos a partir do que apreendemos durante nossas vidas em um âmbito coletivo de costumes, crenças, etc.

Há uma história pessoal, mas muito daquilo que escutamos, nossos gostos, nossas concepções do mundo, não são individuais, são coletivos. Tem a ver com a classe social, com grupo familiar, tem a ver com a região da qual procede ou onde vive, elementos raciais, elementos étnicos, idade. Os jovens não ouvem rádio como ouvem os adultos. Eu penso que há uma maneira individual, mas essa maneira individual está impregnada, moldada, por uma série de dimensões culturais, que são coletivas (BARBERO, 2000, p. 155)

A partir disso, buscamos entender até que ponto a televisão, ao acionar a sonoridade, principalmente a música e seus efeitos sonoros, pode acionar referências culturais da identidade já formada de um cidadão ou até mesmo consolidar algo que já é reconhecido coletivamente como próprio de sua cultura. Para Stuart Hall (1992), como parte do sujeito pós-moderno existe a concepção de identidade nacional. Para ele, essa identidade substitui aquela que diz respeito à tradição de tribo, religião e região.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 1992. pág. 14)

Segundo o autor, as identidades culturais nacionais não vêm impressas em nossos genes, mas são representadas de acordo com nosso conhecimento sobre nossa nacionalidade. Assim, a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, ou seja, “um sistema de representação cultural em que as pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação, pois também participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional” (HALL, 1992, p. 13).

O livro Raízes do Brasil (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, analisa a formação histórica do Brasil e do povo brasileiro. Os dois livros tratam da identidade nacional do país a partir do período colonial, observando a forma como ocorreu essa colonização e, por consequência, a miscigenação do povo. Holanda, por sua vez, observa a formação

da identidade nacional em busca do homem brasileiro e daí caracteriza-o com o conceito de “homem cordial”:

A contribuição brasileira para a civilização será a de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza do trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo rico e transbordante. (HOLANDA, 1995, p.146)

Há um conceito, porém, que define em nós, brasileiros, o que é identidade nacional de uma forma mais delimitada: a brasilidade. De acordo com Nercolini (2006), especialista em estudos culturais e mídia, a brasilidade é o reconhecimento interno e também externo da marca de ser brasileiro. Neste artigo, a brasilidade será tratada como a qualidade de ser brasileiro dentro de uma identidade nacional, isto é, não apenas a caracterização de definir-se como tal, mas ser representado por algo que lhe é exposto e adquirido conforme vivência coletiva.

A brasilidade está também relacionada ao conceito de hibridismo cultural. Peter Burke (2003), em “Hibridismo Cultural”, busca compreender a globalização cultural e o resultado da interação de diferentes culturas. Segundo Burke:

Embora processos de hibridização possam ser encontrados na esfera econômica, social e política, sem citar a miscigenação, o ensaio se restringe a tendências culturais, definindo o termo cultura em um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações. (BURKE, 2003, p. 17)

É fundamental citar Canclini (1998) para falar de processos de hibridização. O autor do livro “Culturas Híbridas” afirma que prefere usar o termo *hibridação* por ser mais amplamente utilizado do que *mestiçagem* ou *sincretismo*, afinal não se restringe apenas às análises de mesclas interculturais que ocorrem não só no Brasil, como em toda América Latina. Para Canclini (1998), a *hibridação* não é meramente o que se en-

tende por uma mescla de etnias, de cores, crenças ou culturas. Para o autor, o conceito se refere a algo mais centrado no processo de modernização das cidades, local que se tornou comum a vários povos, e que, por consequência, transformou sociedades afastadas geograficamente e culturalmente em sociedades com uma formação híbrida.

Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação. (CANCLINI, 1998, p. 285)

Vale lembrar que os conceitos de identidade nacional e de brasilidade aproximam-se e diferem-se em suas características particulares. Quer dizer, enquanto identidade nacional, segundo Hall (1999), é representada de acordo com o conhecimento de um indivíduo sobre sua nacionalidade, construído de forma coletiva, o de brasilidade, segundo Nercolini (2006), é o reconhecimento interno e também externo da marca de ser brasileiro, também construído de forma coletiva.

4. O Método: Análise de Conteúdo

O método utilizado nesta pesquisa foi a Análise de Conteúdo. Foram analisadas 21 canções apresentadas nas cerimônias de Abertura e de Encerramento da Olimpíada de 2016.

O tema *A Representação da Cultura de Brasilidade nas Transmissões de Abertura e de Encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016* exigiu que usássemos uma pesquisa quantitativa e qualitativa, na qual unitarizamos as canções apresentadas nas cerimônias e as qualificamos de acordo com a categoria a que entendemos como pertencentes. Segundo Laurence Bardin

o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas individuais ou de grupo, de inquérito ou psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupo, os psicodramas, as comunicações de massa, etc., po-

dem ser, e frequentemente são, analisados tendo o tema por base.
(BARDIN, 2011, p. 135)

Na pesquisa proposta, o método da Análise de Conteúdo entra para que toda a classe de documentos pesquisados possam ser categorizados, descritos e após isso, interpretados. Conforme Moraes (1999) esta metodologia permite uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados e por isso não é possível uma leitura neutra. Ou seja, toda a pesquisa que utiliza a metodologia da Análise de Conteúdo acaba tendo uma visão interpretativa do pesquisador de tudo o que foi lido, visto e ouvido.

Para melhor analisar os documentos, recorreremos ao uso da categorização. Para isso, juntamos todas as músicas e as dividimos em três categorias que compõe e são elementos de brasilidade e colocamos aqui dois exemplos de cada categoria. A categorização foi realizada tendo por base o tema de uma maneira muito direta, já que cada categoria provém do conceito principal dessa pesquisa, a brasilidade. As categorias em questão são:

- 1. HIBRIDISMO:** ou hibridismo cultural se refere à mescla de etnias e culturas híbridas presentes no Brasil e em sua população. Está, também, relacionado à cultura popular ou de massa.
- 2. FELICIDADE:** categoria que mostra que um dos elementos de brasilidade provém da ideia não só de que, mesmo em frente às dificuldades, o povo brasileiro continua alegre, mas também do conceito de “homem cordial” definido por Sérgio Buarque de Holanda (1995) e que fala do brasileiro como um povo hospitaleiro, gentil e emotivo.
- 3. EXALTAÇÃO:** é a forma como o brasileiro enaltece as qualidades e até mesmo os defeitos do país, demonstrando um sentimento de nacionalismo e de identificação com a nação. Tal categoria, foi subdividida em Exaltação da Mulher, Exaltação da Natureza e Exaltação da Periferia.

Começamos pela categoria Hibridismo, nas quais foram encontradas um total de 04 (quatro) canções, com trechos que apresentam esse elemento. A primeira música que

se encaixou nessa categoria foi *Pindorama*⁴, da etapa de abertura das Olimpíadas, que mesmo sendo apresentada apenas instrumentalmente, contou a história da formação étnica do Brasil, com a chegada dos portugueses, primeiro contato com os povos indígenas e chegada dos afrodescendentes escravizados.

Figura 1 – Imagem da Tela - Cerimônia de abertura: primeiro contato do indígena com o branco durante *Pindorama*.



Fonte: Rede Globo (2016)

Outra música que serve de exemplo desta mesma categoria foi *Toquem os Tambores*, composição feita pelas *rappers* Karol Conká e Mc Soffia especialmente para a cerimônia. A canção cria o sentido de Hibridismo no trecho: “Somos a continuação de um povo, cores, sabores, valores”. A apresentação acontecia enquanto um homem jogava capoeira no meio do Maracanã. A alusão da letra ao citar as palavras "cores", "sabores" e "valores" remetendo a variedade e continuidade de um povo, atrelada à dança da capoeira, manifestação de raízes africanas, acionam a ideia de miscigenação presente no Brasil.

Figura 2 – Cerimônia de abertura – dançarino de capoeira durante *Toquem os Tambores*.

⁴Pindorama é uma palavra indígena e que em tupi-guarani significa terra de palmeiras, nome dado às terras brasileiras antes da chegada dos portugueses.



Fonte: Rede Globo (2016)

Agora, passamos para a categoria FELICIDADE, na qual foram mapeadas um total de 10 (dez) músicas. Como exemplo desta categoria, trazemos a canção *Deixa a Vida Me Levar*, cantada por Zeca Pagodinho e Marcelo D2. Nela, D2 introduziu versos de rap na versão original. Na letra, Zeca Pagodinho canta “**E aos trancos e barrancos lá vou eu/ Sou feliz e agradeço/** Por tudo que Deus me deu”. Nos versos de rap que foram inseridos por Marcelo D2, o cantor exalta a felicidade dentro na periferia: “Xe-rén, Andaraí, **alegria do subúrbio/** O bicho pega é aqui/ Pagode do Arlindo e do Zeca até de manhã” e complementa a parte de Zeca Pagodinho que diz “Se não tenho tudo que preciso/ Com o que tenho, vivo/ De mansinho lá vou eu” cantando “Tudo bem, **se não sai do jeito que eu quero/ Também não me desespero/** Já disse, deixo rolar”. Negritadas, as partes mostram a felicidade de um povo que, mesmo em frente às dificuldades, se mantém.

Figura 3 – Cerimônia de abertura – Zeca Pagodinho e Marcelo D2 cantam *Deixa a Vida Me Levar*.



Fonte: Rede Globo (2016)

Em *País Tropical*, como mostra a figura abaixo, acompanhado de Regina Casé, Jorge Ben cantou “Sou um menino de mentalidade mediana/ **Mas assim mesmo sou**

feliz da vida/ Pois eu não devo nada a ninguém/ Pois eu sou feliz/ Muito feliz comigo mesmo”. A alegria nessa canção foi representada não só por Jorge Ben e Regina Casé que animavam o público, mas também com a subida até a arquibancada dos dançarinos que, saídos do centro do espetáculo, começam a se misturar com os espectadores, mostrando a interação e cordialidade do povo brasileiro com quem o visita.

Figura 4 – Cerimônia de abertura – Jorge Ben e Regina Casé em *Pais Tropical*.



Fonte: Rede Globo (2016)

Na terceira e última categoria foram identificadas 18 (dezoito) músicas no total, incluindo as cerimônias de abertura e de encerramento. No entanto, como essa categoria foi subdividida, os exemplos selecionados servirão para ilustrar as três subcategorias: EXALTAÇÃO DA MULHER, EXALTAÇÃO DA NATUREZA E EXALTAÇÃO DA PERIFERIA.

Na subcategoria EXALTAÇÃO DA MULHER foram encontradas 04 (quatro) músicas na cerimônia de abertura e 03 (três) na de encerramento. Em *Mulher Rendeira*, canção na qual o grupo Ganhadeiras de Itapuã participou da apresentação, os versos direcionados a uma mulher: “Olê, mulher rendeira/ Olê mulher renda/ Tu me ensina a fazer renda/ Eu te ensino a namorar”. Na apresentação dessa música, o centro do Maracanã ficou tomado por dançarinas vestidas de baiana que contornavam um grande rendado reproduzido no chão do estádio. As “Ganhadeiras de Itapuã” é um grupo formado por antigas lavadeiras de Salvador (Bahia) que nas horas livres faziam batuques, samba de roda e contavam histórias. O grupo foi fundado em 2004. Na imagem abaixo, uma das Ganhadeiras produz a renda enquanto as outras dançam e cantam ao som de música *Mulher Rendeira*.

Figura 5 – Cerimônia de encerramento – Mulher produzindo renda durante *Mulher Rendeira*.



Fonte: Rede Globo (2016)

Em EXALTAÇÃO DA NATUREZA, segunda subcategoria, foram encontradas três músicas na abertura e três no encerramento.

“O Rio de Janeiro continua lindo”, trecho selecionado da letra de *Aquele Abraço*, cobre as imagens apresentadas no início da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos e exaltam a natureza da cidade carioca. Durante essa música, várias imagens da cidade foram aparecendo na tela da televisão e só depois dessa introdução, a cerimônia de abertura iniciou no estádio Maracanã. Enquanto as imagens da cidade iam passando, como a figura 13, que mostra o Cristo Redentor de cima, a plateia do Maracanã observava a abertura dos jogos silenciosamente.

Figura 6 – Cerimônia de abertura – Cristo Redentor visto de cima durante *Aquele Abraço*.



Fonte: Rede Globo (2016)

Além da imagem do Cristo Redentor, ponto turístico mais importante da cidade do Rio de Janeiro, também foram mostradas imagens das praias e da mata atlântica.

Em EXALTAÇÃO DA PERIFERIA enquadradas 05 (cinco) canções, sendo 03 (três) na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos e 02 (duas) no encerramento.

Conhecida como um hino das favelas cariocas, *Rap da Felicidade* (10A), música interpretada pela funkeira Ludmilla trazia nos versos a representação do orgulho de pertencer à periferia: “Eu só quero é ser feliz/ Andar tranquilamente na favela onde eu nasci/ E poder me orgulhar/ E ter a consciência que o pobre tem seu lugar”. A apresentação de Ludmilla aconteceu sobre caixas que se ergueram no palco da cerimônia, imitando a aglomeração de moradias presentes nas comunidades periféricas. Na imagem (figura 18) abaixo, Ludmilla canta sobre a “favela” enquanto um menino dança em ritmo de funk:

Figura 7 – Cerimônia de abertura – Ludmilla apresentando o *Rap da Felicidade*.



Fonte: Rede Globo (2016)

5. Considerações Finais

Após a descrição das canções e a utilização das imagens como exemplos, podemos perceber que, separadas em categorias e subcategorias, as músicas mostraram que as cerimônias de abertura e de encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016, sediados no Rio de Janeiro, representaram estratégias para divulgar a cultura brasileira para as que assistiram pela televisão e outros suportes. Identificamos que estas estratégias construíram interna e externamente um imaginário do que significa ser brasileiro e viver no Brasil, confirmando a hipótese trazida no início dessa pesquisa que as cerimônias trouxeram a representação da brasilidade.

Os dados levantados a partir da categorização das músicas apresentadas nas cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016 definiram que a ca-

tegoria que mais apareceu foi a Exaltação com 18 (dezoito) mapeamentos, embora esta fosse subdividida em 03 (três) subcategorias. Em segundo lugar, a categoria Felicidade apareceu 10 (dez) vezes e Hibridismo, em terceiro, com 04 (quatro) aparições. Concluiu-se então, que a brasilidade das apresentações representada através dessas categorias teve a intenção de mostrar a cultura do Brasil para o mundo, afinal, tratamos nesta pesquisa de um megaevento esportivo. Paralelamente, podemos inferir, também, como uma forma de reforçar o reconhecimento interno e externo dessa cultura pelos próprios brasileiros.

Percebeu-se, também, que na cerimônia de abertura, Felicidade, que se trata do conceito de “homem cordial” trazido nessa pesquisa através de Holanda (1995) e que fala sobre a cordialidade e hospitalidade do brasileiro, apareceu mais vezes na abertura do que no encerramento, ou seja, a transmissão de abertura teve como objetivo mostrar para o mundo o quão os estrangeiros seriam bem recebidos no megaevento.

Ao fim dessa pesquisa, identificamos, ainda, que a música foi um dos principais elementos de representação de brasilidade nas cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016. As letras em conjunto com as imagens que mostravam as performances de dançarinos, cantores e demais artistas formaram, de fato, uma informação concreta e rica de sentidos. Através das músicas foram construídos sentidos de felicidade do povo brasileiro, de hibridização de nossa cultura e de exaltação de nossas qualidades e defeitos. A importância dessa pesquisa está em podermos afirmar que: música é informação. E, mais do que isso: a música popular é capaz de representar a identidade cultural de um povo.

Se, no Festival da MPB de 1967 as músicas apresentadas demonstravam a identidade cultural dos jovens da época, em 2016, as músicas apresentadas falam sobre um Brasil mais popular, híbrido e ciente de sua representação através da periferia. Dessa maneira, entendemos que a brasilidade é uma construção interna e externa e que no caso das Olimpíadas de 2016 passou por um conjunto de representações e valores.

Referências

- ADORNO, THEODOR; W. HORKHEIMER, MAX. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos. 1947.
- BARBERO, JESÚS M.; BARCELOS, CLÁUDIA. Comunicação e Mediações Culturais. **Revista Diálogos Midiológicos**. V. XXIII, n 1, 2000.
- BARBOSA, MARIALVA. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BARDIN, LAURENCE. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2011.
- BURKE, PETER. **Hibridismo Cultural**. 3ª edição. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2010.
- CANCLINI, NÉSTOR. **Culturas Híbridas**. 2ª edição. São Paulo, SP: Editoria da Universidade de São Paulo, 1998.
- DURÃO, FÁBIO A. **Indústria Cultural Hoje**. Publicado em 23 de outubro de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aTLZq7NcVq0>>. Acesso em 22/04/2015.
- FERIN, ISABEL. **Comunicação e Culturas do Quotidiano**. 2ª edição. Lisboa: Editora Quimera, 2009.
- GLOBO PLAY. **Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/5217401/>> Último acesso em: 16 nov. 2016.
- GLOBO PLAY. **Cerimônia de Encerramento Olimpíadas 2016 - Íntegra**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/5251273/>> Último acesso em: 16 nov. 2016.
- HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006.
- HOLANDA, SÉRGIO B. **Raízes do Brasil**. 26ª Edição. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.
- MATTOS, SÉRGIO. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2ª edição, 2002.
- MONTAÑO, SONIA. **A TV Jogo no SBT**. Abril de 2007. 163 páginas. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- NERCOLINI, MARILDO J. A música popular brasileira repensa identidade e nação. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 31, 2006.

VALENTE, HELOÍSA A. D. **Música é informação!** Música e mídia a partir dos conceitos de R. Murray Schafere Paul Zumthor. Discursos Simbólicos da Mídia. In: RAFAEL SOUZA SILVA (org.). Discursos Simbólicos da Mídia. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 89-106.